



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



REPRESENTAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO BRASIL NO JORNALISMO NACIONAL ¹

Márcio Barbosa Norberto
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

RESUMO: O presente relato de pesquisa apresenta de maneira resumida um tópico teórico que está sendo desenvolvido numa pesquisa mais ampla em perspectiva de doutorado acerca do tema Jornalismo e Fronteiras. Para este espaço, a reflexão é sobre as representações criadas pela prática jornalística de abrangência nacional em relação à cobertura de temas e acontecimentos relacionados às fronteiras do Brasil na América do Sul. Trata-se de uma reflexão teórica a partir dos estudos de Silveira (2016), Ota (2015) e Strassburger (2018), dentre outras pesquisadoras e pesquisadores. Para este trabalho, o modelo metodológico é o bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fronteiras; América do Sul.

INTRODUÇÃO

Quando se trata das fronteiras terrestres do Brasil na América do Sul, elas estão localizadas nas bordas territoriais, distantes do poder político central. Em geral, as pessoas pouco conhecem a realidade destas localidades em termos de práticas, modos de vida e convivência com diferentes culturas. Normalmente as informações em circulação sobre estas fronteiras são construções discursivas produzidas pelo jornalismo que, seguindo uma lógica produtiva própria, pode ofertar representações contextualizadas em relação ao local ou restringi-lo a alguns temas e acontecimentos que são transformados em notícia.

O jornalismo é uma instância, dentre outras, que nos aproxima da realidade. Através do seu discurso temos contato indireto com situações que ocorrem no mundo. A realidade cotidiana é demasiadamente ampla, complexa e com muitas variações, seria impossível acessá-la diretamente, como escreveu Lippmann (2010). Também não podemos reconhecer tudo o que se passa nesta realidade como significativo, Alsina (2009).

Nos limites deste espaço, busco apresentar de maneira resumida um tópico da minha pesquisa que vem sendo desenvolvida em âmbito de doutorado. O relato aqui apresentado tem viés teórico e delimita como temática as representações criadas pelo jornalismo nacional em relação à cobertura das fronteiras do Brasil. Quais representações a cobertura jornalística cria sobre as fronteiras? O objetivo é identificar tais representações a partir de alguns referenciais teóricos trabalhados na fundamentação. Justifica-se a produção deste material porque é relevante para o

¹Trabalho apresentado no GT2 Culturas Populares, Identidades e Cidadania, da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

contexto da pesquisa mais ampla e para os limites deste espaço apresentar alguns olhares que a prática jornalística lança em relação às regiões de fronteira.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada tem caráter bibliográfico, ou seja, é inventariante e descritiva. Neste percurso metodológico a proposta é mapear a produção acadêmica em relação ao tema, conforme descreve Norma Ferreira (2002). Mapear, sistematizar e discutir o conhecimento produzido em determinada área pode ter vários objetivos e para esta apresentação destaca-se: evidenciar pesquisas já realizadas. Como mencionado anteriormente, considerando os limites deste espaço, o presente relato de pesquisa delimita o mapeamento a alguns trabalhos que tratam da temática em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os contornos fronteiriços do Brasil com seus vizinhos no continente são espaços de diversidade e de complexidade desde o ponto de vista histórico, territorial e cultural. São regiões que ora guardam diferenças, ora semelhanças. Neste ambiente, a realidade cotidiana se apresenta de maneira diferente daquela observada para dentro do território. As regiões de fronteira entre países são visualizadas em duas perspectivas: nacional e cultural.

Inicialmente aponta-se que ao estudar as denominadas terras de fronteira há a convergência de diferentes culturas que influenciam os costumes daqueles que ali vivem. Diversas características peculiares resultantes da proximidade geográfica com os países vizinhos e, ao mesmo tempo, a distância para com o centro do Brasil, visto que a complexidade de relações, em função da língua e dos costumes, por exemplo, conferem ao cotidiano da população que habita a fronteira um modo de vida talvez único, se comparado a outras regiões (Silveira; Guimarães, 2016, p. 140).

As diferenças não residem apenas da borda para dentro do Brasil, mas em relação às próprias regiões de fronteira, considerando os mais de 16 mil quilômetros de fronteira terrestre divididos em Arco Norte, Central e Sul. Tais distinções, do ponto de vista nacional e cultural, são acentuadas no contato com os países vizinhos.

Dessa forma, é importante destacar que a vivência cotidiana nesses lugares de transição – a partir da consideração de fatores nacionais – expõe características bastante distintas daquelas que encontramos em outras partes do território circunscrito aos limites de um país (consideremos, em nosso trabalho, o Estado Brasileiro como exemplo primaz). Há uma latente diferenciação entre as questões políticas, definidas a partir da consideração das fronteiras internacionais, e as questões socioculturais, que não se ajustam às linhas divisórias traçadas historicamente (Müller *et al.* 2016, p. 38).

Considerando as particularidades do contexto fronteiriço brasileiro é possível dizer que neste espaço surgem acontecimentos diários próprios da localidade e que impactam diretamente a vida dos habitantes da fronteira. Desde questões de ordem prática, como o deslocamento para trabalhar no país vizinho, até situações mais complexas como a vigilância ostensiva de órgãos de controle nas travessias de um lado a outro e a convivência com identidades nacionais diferentes, conforme Marcos Araguari Abreu (2017).

Acontecimentos e temas relativos a estes espaços podem interessar grupos locais pela proximidade ou impactar diretamente suas vidas. Além, dentre outras razões, como de controle e segurança nacional, os assuntos nestas fronteiras podem interessar também pessoas que as observam de fora, como turistas e autoridades governamentais responsáveis pela fiscalização destas regiões. A realidade cotidiana da fronteira é registrada e reportada por diferentes formas de discurso e jornalismo é uma delas.

Têm-se em consideração que o negativo, como verificado em Galtung e Ruge (1993), é um dos valores-notícia mais recorrentes e estabilizados na prática jornalística, no entanto, o que se questiona é a maneira não contextualizada com que os veículos jornalísticos nacionais olham para estas fronteiras, enfatizando-a como território de perigo e terra sem lei. A cobertura sobre tráfico de armas, de drogas, de contrabando, de assassinatos e atuação de organizações criminosas infiltradas nessas regiões definem a noticiabilidade prioritária dos noticiosos nacionais.

De acordo com Daniela Ota (2015), a produção noticiosa regional e nacional em relação aos municípios fronteiriços sul mato-grossenses criam “um estigma”. Conforme a autora identifica em sua investigação, “quase sempre as cidades são retratadas como lugares ermos, marginais e com alta incidência de crimes. Podemos relatar também que a mídia nacional estimula o discurso preconceituoso com relação aos países vizinhos” (Ota, 2015, p. 182).

Tabita Strassburger (2018), em seu trabalho sobre a fronteira de São Borja (BR) com Santo Tomé (AR), observa que os acontecimentos que merecem destaque na cobertura dos noticiosos nacionais se referem a situações de tensão. Conforme identifica a pesquisadora, a cobertura tende a reduzir o contexto a acontecimentos envolvendo atividades ilícitas, com tráfico e contrabando.

Os veículos nacionais, como os exemplos aqui apresentados a partir dos trabalhos de algumas pesquisadoras, normalmente falam “sobre” a fronteira porque estão distantes dela. Segundo Angela Zamin, “o discurso sobre a fronteira é estigmatizado e ressurgue sempre que se pretende falar de algo negativo, como o contrabando e o tráfico” (Zamin, 2015, p. 105).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dessas autoras é possível identificar que as regiões de fronteira do Brasil com seus vizinhos no continente são constantemente associadas à ilicitude, ao lugar do perigo. É um tipo de cobertura que, conforme mostram as pesquisadoras, coloca o desenho fronteiriço brasileiro em constante estado de alerta.

O falar “sobre” traz o ponto de vista de quem está distante e não vivencia a realidade fronteiriça cotidianamente. Desta forma, a construção e o reporte dos acontecimentos e temas não ocorrem de maneira contextualizada. Ainda que as ocorrências negativas conformem um dos principais critérios de noticiabilidade acionados pelos veículos jornalísticos nacionais e regionais, para que haja uma melhor compreensão por parte dos sujeitos que não vivem o dia a dia de uma fronteira, é fundamental que a cobertura tenha um olhar com vistas a compreender a realidade local em sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um grande volume de ocorrências e temas nos espaços de fronteira do Brasil que podem ser acolhidos, elaborados e colocados em destaque para que ganhem visibilidade pública a partir dos veículos jornalísticos de abrangência nacional e regional. Enfatiza-se que não se trata de ausência de reconhecimento de acontecimentos e de fatos complexos nestas áreas, eles são muitos, e por esta razão o conjunto de critérios de noticiabilidade é mobilizado para a negatividade.

No entanto, o argumento de pesquisadoras e pesquisadores, o qual também acompanho, é que a cobertura jornalística realizada pelos veículos de abrangência regional e nacional prioriza acontecimentos e temas com viés negativo. Será que os habitantes das fronteiras se reconhecem nessas representações? E, quem olha a fronteira de fora do local, através atividade jornalística, consegue compreender o cotidiano dessa região geográfica? São questões que precisam de outro espaço para serem respondidas.

Referências

ABREU, Marcos Araguari de. **Subcultura delinquente na Tríplice Fronteira**: além da fronteira entre o crime e a repressão. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. In: **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro – a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Comunicação & Linguagens. Lisboa: Vega, 1993, p. 61-73.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MÜLLER, K. M.; RADDATZ, Vera Lucia Spacil; BOMFIM, Ivan; MARTINS, Tiago. Mídia local no espaço fronteiriço: a integração a partir das “leituras” do contexto. *In*: ROSA, Carlos Alberto Garciada; LISBÔA FILHO, F. F. (Orgs.). **Política, Medio e Identidad en Regiones Fronterizas**. Posadas, Argentina: Ed. Universitária Universidad Nacional de Misiones-Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFSM, 2016, p. 30-46.

OTA, D. C. Radiojornalismo na fronteira – especificidades na produção e disseminação do conteúdo jornalístico. *In*: MÜLLER, K. M.; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. (Orgs.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Unijuí, 2015.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVEIRA, A.C.M.; GUIMARÃES, I.P. **Conexões (Trans) fronteiriças: mídia, noticiabilidade e ambivalência**. Foz do Iguaçu: EdUnila, 2016.

STRASSBURG, Tabita. **A participação da mídia na construção de representações sobre a fronteira São Borja/BR – Santo Tomé/AR**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.